

APRESENTAÇÃO

Manoel Teixeira Azevedo Junior¹

No início do século XX, o contexto e as preocupações que moviam a produção da arquitetura e do urbanismo eram a instauração de uma modernidade que adequasse essa produção às grandes transformações por que passavam tanto os processos de produção industrial como o próprio ambiente urbano, cada vez mais complexo e demandando abordagens estruturais e pensamento totalizante, o que gerou respostas que reinventaram o espaço da moradia, a linguagem da arquitetura e a organização espacial das cidades, sob o signo do novo e grande esperança no poder redentor da tecnologia.

Já no momento atual, das primeiras décadas do século XXI, a partir das próprias vicissitudes da experiência moderna e de seus desdobramentos, envolvida pela mercantilização crescente de todos os âmbitos da vida humana, incluída a própria cidade, o que produziu uma urbanização extensiva do território, tantas vezes predatória, tanto do ponto de vista social como ambiental, o urbanismo e a arquitetura se veem diante de demandas novas, agora de reversão de situações de degradação ou de comprometimento ambien-

1. Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas.

tal e de busca de soluções para as desigualdades sócio espaciais que marcam cidades como as brasileiras. A perspectiva contemporânea é, semelhante à do início do século XX, a da cura, mas agora, não no sentido da instauração do novo como adequação do espaço à dinâmica do capitalismo industrial, mas sim no sentido de um reequilíbrio entre o patrimônio social e ambiental e a ação transformadora do ser humano, de modo a pensar a possibilidade de permanente recriação da cidade, não só atenta às demandas cotidianas de seus habitantes, mas consciente dos impactos da ação humana sobre o planeta e da necessidade de repensar essa ação no sentido da sobrevivência da qualidade de vida no mesmo. Daí a emergência dos conceitos chave de sustentabilidade e resiliência.

O presente número dos *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, embora sem a pretensão de unidade temática ou de abordar os múltiplos aspectos dessa questão, contempla olhares significativos sobre estes dois momentos, trazendo à luz aspectos tanto da experiência moderna no urbanismo e na arquitetura, como das preocupações atuais nesses campos.

Assim, a revista começa com dois artigos que, dentro da larga e diversificada linha de proposições do início do século XX, apresentam experiências vinculadas a duas vertentes diferentes do urbanismo moderno:

Dirceu Piccinatti Junior, em **Saturnino de Brito e o projeto de abastecimento de água para a cidade de Passo Fundo/RS**, além de abordar este projeto específico, possibilita o contato com o pensamento e as práticas inovadoras de Saturnino de Brito, engenheiro vinculado ao higienismo, mas com uma atuação inovadora e pioneira que integra saneamento e urbanização e, dentro de postura bastante atual, tem um olhar sensível às peculiaridades do sítio natural, em especial dos recursos hídricos, adequando a urbanização à sua lógica e integrando-os na vida da cidade.

Já Daniela da Silva Santos Krogh e Ivone Salgado, em **Conflitos políticos locais no debate sobre o urbanismo em Campinas/SP** no contexto da instauração do governo autoritário de Getúlio Vargas, abordam as circunstâncias políticas envolvidas nos anseios de modernização da cidade nas décadas de 20 e 30 e as respostas urbanísticas decorrentes e seus impactos sobre a paisagem da cidade, dentro da perspectiva de um nascente planejamento urbano de caráter compreensivo e sob influência do urbanismo americano.

A abordagem do moderno é complementada pelo artigo de Lizi Vianna Neto, **“Um espectro ronda o Rio de Janeiro”- modernismo soviético, a Nova Frankfurt e a obra de Altberg no Brasil**, que analisa o contexto alemão e russo de formulação de uma arquitetura proletária e uma cidade

apoiada em princípios coletivistas e funcionalistas e a participação e engajamento político do arquiteto alemão Alexander Altberg, atuante junto a nomes como Arthur Korn e Ernst May, e que, em 1931, se transfere para o Brasil, passando a ter atuação significativa tanto na produção de uma arquitetura de vanguarda de princípios funcionalistas, como no debate cultural, através da produção da revista Base.

Já no campo das demandas urbanas atuais, o caderno traz três artigos que abordam questões fundamentais para o planejamento urbano. Dois deles repensando a relação do território urbanizado com o meio natural e um envolvendo as demandas de maior apropriação dos espaços públicos:

Suzane Concatto e Sérgio Torres Moraes, em **Resiliência e política urbana: as áreas de risco de inundação em Itajaí – SC**, em artigo de caráter propositivo, analisam o processo de urbanização dessa cidade e, avaliando criticamente seu Plano Diretor, através de metodologia aplicável a outros contextos, tentam adequar as possibilidades e formas de urbanização do território às demandas de proteção das áreas inundáveis, de modo a minimizar e reverter os danos físicos e sociais das periódicas enchentes do rio Itajaí-Açu.

Ariadne S. de Farias, Joceane P. Marcon, Débora P. Schmitt e Karen M. Siebeneichler, em **Infraestrutura sustentável:**

conceitos e aplicações sob a perspectiva do arquiteto e urbanista, introduzem a discussão sobre o conceito de infraestrutura verde, uma “rede multifuncional de espaços abertos que desempenham funções ecológicas, sociais, econômicas e culturais”, capaz de reduzir nas cidades os impactos de eventos críticos, notadamente enchentes e poluição ambiental, além de ampliar as condições de bem-estar da população, contrapondo-se ao conceito dominante de infraestrutura cinza, dominada pelas ruas asfaltadas e os automóveis.

Abordando as questões ligadas à qualidade dos espaços públicos, Bárbara Klóss Teixeira e André de Souza Silva, em **Fachadas ativas e sua influência na qualidade de vida urbana**, exploram os potenciais de uma maior interação entre espaços privados, em especial os de atividades econômicas, e espaços públicos, assim como as escalas destes, no sentido de estimular uma maior presença humana e ampliar os contatos entre as pessoas e seus vínculos com a cidade.

No campo propriamente da arquitetura e sintonizado com as demandas atuais de flexibilidade espacial e reaproveitamento de componentes e materiais, Felipe de Paula Campolina, Tito Flávio Rodrigues de Aguiar e Ernani Carlos de Araújo, em **Arquitetura e construção com andaimes**, desenvolvem as aplicações possíveis destes elementos para

soluções estruturais de edificações em espaços temporários ou permanentes, enfatizando a flexibilidade projetual que proporcionam.

O número 36 do *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* tem como fecho uma ótima entrevista do arquiteto Héctor Vigliecca, feita pelo professor Antônio Grillo, quando de sua visita à PUC Minas, abordando, entre outros temas, a responsabilidade e o papel dos arquitetos frente às transformações do mundo contemporâneo e a necessidade de atenção plena às demandas da realidade das cidades brasileiras, notadamente a qualificação de seus espaços periféricos, se colocando assim em sintonia com o princípio fundamental da garantia a todos do direito à cidade.